

PALMARES REVISITADO

Moema Parente Augel

Universidade de Bielefeld

RESUMO: *A literatura negra surgiu por força da situação social em que os afrobrasileiros se encontram e da qual a sociedade envolvente não os deixa sair. São muitos os temas a escolher para apresentar a literatura afrobrasileira. Entre eles, um tema diretamente ligado às lutas contra o jugo do cativo e à abolição. Ao lado de expressarem solidariedade e revolta contra a opressão, regozijo pela independência conquistada, assim como repúdio a uma alforria que até hoje continua incompleta, poetas como Cuti (Luiz Silva), Oswaldo de Camargo, Éle Semog, Oliveira Silveira, Domício Proença e outros sentem-se ligados a esses símbolos heróicos, encarnação da luta contra o cativo degradante. São em parte imagens ao mesmo tempo místicas e míticas, fonte de encorajamento e afirmação, cuja lembrança reforça o sentimento identitário dos filhos da diáspora.*

PALAVRAS-CHAVE: *Literatura afrobrasileira; memória; revisão e resgate da História.*

O Brasil comemorou recentemente os 500 anos da chegada dos portugueses às terras brasílicas e muito se publicou nesse contexto. Como aconteceu com o ano de 1988, com o centenário da abolição oficial da escravatura, como ocorreu com as comemorações dos quinhentos anos do aportamento de Cristóvão Colombo ao "Novo Mundo", em 1992, foi de novo um bom momento para revisar o passado e exigir o reconhecimento da contribuição dos povos indígenas e dos povos africanos na construção não só do país como da identidade brasileira.

Alfredo Bosi, falando das características próprias da poesia revolucionária (1977), define-a como situada no "eixo presente-futuro com sua vigorosa e concreta antinomia, pela qual o presente é o cenário da maldição, objeto de escarmento, e o futuro é antecipado pelo sentimento como reino de justiça e liberdade".

Vejo a literatura afrobrasileira dentro desse espírito da literatura revolucionária de que fala Bosi. Seus escritores, ressaltando alguns elementos que expressam a memória coletiva do país, fornecem novas pistas para a interpretação do passado, mostrando-o muito mais diversificado do que a monolítica visão da historiografia oficial quer passar, como também apresentam uma percepção sem ilusões do presente, ainda sombrio para a maioria dos afrodescendentes, mas espaço indispensável para a denúncia e o resgate. Querem ao mesmo tempo, numa projeção do futuro, que a emancipação social, econômica e psicológica do afrodescendente se concretize e trabalham nesse sentido através de seus textos, contundentes, acutilantes, expressivos e belos, garantindo um lugar incontestável na literatura brasileira contemporânea.

NOVOS CAMINHOS, NOVOS ESPAÇOS

O afrodescendente de há muito reconheceu que mãos de mando turvam o sentido do que sonhamos (Oswaldo de Camargo, *Em maio*); sabe que os grilhões do cativo são continuados pelo não cumprimento da alforria total. Sei das fronteiras que a mim traçaram, assim se expressa Paulo Colina em *Fronteiras*. Não basta, porém, estagnar na constatação dos flagelos, e Geni Guimarães, de São Paulo, conhecedora do fogo que muitas vezes está por baixo da cinza da acomodação ou sentimento da própria inferioridade, lança mão de uma forte metáfora para mostrar que as aparências enganam: "Como quem já foi, cabisbaixo e lento,/ caminha o boi./ Rumina a sina e/ engole o pensamento". Criada no interior e no campo, Geni conhece muito bem aqueles animais e as suas reações, muitas vezes abruptas e surpreendentes: "De bicho sei que já tomei/ muito leite de garrote/ e não me espanta:/ Já fui do punho alvo/ sei dos gritos que explodem o coma desse boi" (*Matadouro*). Outro poeta paulista, Cuti, está bem ciente que a revolta germina adubada mesmo pela opressão: "o broto brota sob a bota que pisa".

E com isso, é possível descortinarem-se novas perspectivas: "o broto brotalvorada/ e nova rota/ grita" (*Nascente*).

E justo graças a esses "gritos", e só muito recentemente, a história do Brasil começa a ser reescrita e encarada por ângulos mais diferenciados. A memória dos setores dominantes é quase sempre a que pretende prevalecer na sociedade, obscurecendo outras memórias. Para que o discurso oficial dos detentores do poder pudesse ser proferido - o discurso da glorificação nacional, da estabilidade política e do louvor ao esforço em prol do desenvolvimento do país - para que esse discurso pudesse ser proferido, foi preciso que se silenciasse um outro, que se fizessem calar outras falas e que se procurassem eliminar as lembranças populares que guardam em seu seio uma outra história. *A poesia negra vem com a força de quilombo*, diz um verso que tem um lugar simbólico e programático para o importante grupo literário afropaulista chamado Quilombhoje, bastante conhecido por suas atividades e publicações.

É hoje em dia incontestado que a grande massa dos afrodescendentes não aceitou passivamente o jugo da escravidão e o indigno tratamento prestado ao escravo. O cativo raramente se sujeitou sem protesto ao domínio do colonizador. A historiografia oficial por muito tempo negou a resistência escrava, fazendo passar a idéia do africano dócil e submisso, defendendo a brandura do sistema escravagista lusobrasileiro.

O escravo procurava subtrair-se ao jugo imposto através dos recursos os mais diversos: pelo suicídio, pelo aborto, por fugas individuais e coletivas, mas também através de assassinatos, levantes, revoltas. Já Solano Trindade (1908-1974), precursor da poesia afrobrasileira, reconhecia num poema dos anos quarenta o potencial de resistência contido no bojo mesmo dos navios negreiros: "Lá vem o navio negreiro/ com carga de resistência/ lá vem o navio negreiro/ cheinho de inteligência" (*Navio Negreiro*).

Oliveira Silveira, poeta do Rio Grande do Sul, expressa com sarcasmo o ódio que movia os cativos: "Há muito tempo que eu tenho os meus porquês/ bendito o canibal/ que devorou a expedição/ bendito o vidro moído/ nos bofes do senhor/ bendita a lança, as balas/ de Zumbi, do Haiti, bendito os riots/ o saque/ o fogaréu" (*Eu sou duro*).

Toda a época colonial conheceu a reação ao regime escravocrata,

uma cadeia ininterrupta de sublevações e resistência à ordem estabelecida pelo regime senhorial. O primeiro registro de que se tem notícia foi o de um quilombo na Bahia no ano de 1575. Daí por diante, o protesto contra o trabalho forçado e a perda de liberdade não mais cessou. Não se tratou de pequenas revoltas pontuais e raras, como quer deixar crer a historiografia oficial, mas permanentes e diversificadas formas de resistência e de protesto, de inconformismo e de tentativas não só de fuga mas de reorganização da ordem social surrupiada pelo tráfico negreiro de Norte ao Sul do Brasil.

Assim, sobretudo os intelectuais afrodescendentes brasileiros estão recuperando contemporaneamente esse capítulo da nossa história, um dos temas preferidos pela literatura afrobrasileira. Durante os séculos XVII, XVIII e XIX, esses núcleos de resistência foram centenas e centenas. Destacam-se em especial o quilombo dos Palmares, situado na Serra da Barriga, em Alagoas, que, tendo começado com apenas um punhado de quarenta fugitivos, no final do século XVI, resistiu durante mais de noventa anos às investidas dos exércitos portugueses e holandeses e chegou a abrigar uma população de cerca de 30 mil pessoas, espalhadas numa área de quase 350 km quadrados. Zumbi, o último dos chefes guerreiros e a quem coube enfrentar as principais expedições de guerra enviadas pelo governo português para destruir Palmares, acabou morrendo em 1695, e com ele as derradeiras centenas de guerreiros da República dos Palmares, quando o acesso foi possibilitado por traição. Hoje em dia, Palmares é uma construção metonímica, o termo quilombo ampliando-se em sinônimo de resistência e coragem e o dia da morte de Zumbi, 20 de novembro, é festejado como o Dia Nacional da Consciência Negra, em substituição ao 13 de maio, tanto pelos muitos grupos dos movimentos negros como também pelos intelectuais afrodescendentes e não só.

As rebeliões escravas abalaram profundamente a ordem estabelecida. O "medo branco" de que falou Célia Maria Marinho de Azevedo em seu belo livro (1987), foi alimentado no imaginário das elites pelas "ondas negras" de revolta e insurreição, de magia e mistério. A quantidade de estudos históricos, sociológicos e antropológicos sobre o assunto é imensa e faz parte felizmente de referência obrigatória de qualquer trabalho atual.

Enquanto a sociedade envolvente e a historiografia oficial minimizam a importância ou mesmo ignoram os feitos daqueles que

sobretudo através da tradição oral se perpetuaram como heróis da resistência negra, os afrobrasileiros se esforçam cada vez com mais sucesso para recuperar-lhes a memória. É preciso, como disse Abelardo Rodrigues, um dos muitos poetas afropaulistas, exatamente opor-se à corrente contrária da indiferença ou da manipulação dos fatos: "É preciso que se galgue/ a poeira levantada/ e se ache/ entre palmeiras/ lanças/ guerreiras/ intactas" (*A procura de Palmares*).

PALMARES REVISITADO

Já se sabe, mas nunca é demais repetir, foram milhões os africanos por força levados para trabalharem no "novo mundo". E se a literatura nacional festeja e aplaude o magistral poema de Castro Alves, *Navio Negreiro*, ignora ou desconhece outras manifestações poéticas de imenso valor que expressam numa visão de dentro, o mesmo drama. A escravatura, a vergonha imensa na história da humanidade, levou ao brutal arrastamento de milhões de africanos para a América e foi comparada pelo poeta gaúcho a uma "charqueada grande": "Um talho fundo na carne do mapa: Américas e África margeiam/ Um navio negreiro como faca:/ mar de sal, sangue e lágrimas no meio// [...] e sal e sol e vento sul no corte/ de uma ferida que não seca nunca" (Oliveira Silveira, *Charqueada grande*).

A interpretação da história hegemônica, povoando os livros infantis (e não só) da imagem do escravo passivo, cordato e bondoso, amoldado aos seus senhores, as "Mãe Preta" e os "Pai João", encontra viva resistência por parte dos afrobrasileiros contemporâneos que não querem se identificar senão com os heróis que se rebelaram contra o cativo: "Sem essa de mãe-preta e pai-joão/ eu quero é o passado bom! // Na vontade mais funda/ e vulcânica de mim/ eu quero é o passado bom! / Eu quero o passado bom/ do quilombo dos negros/ livres no mato e de lança na mão/ Da guerra na Bahia - da negrada transbordando das casas/ derramando-se na rua/ de pistola e facão!" (Oliveira Silveira, *Quero o passado bom*).

Está-se bem longe da postura de autocomplacência que se pode ler, por exemplo, nos seguintes versos de Lino Guedes (1897-1951), com apelos de afirmação social bem comportada: "Se por ventura mel fosse/ não seria assim tão doce/ o sorriso de Pai João/

Que apesar de sofrer tanto/ de ninguém, tal como um santo/ guarda rancor ou paixão!"

São muito os poemas em que Palmares assume um papel simbólico, ultrapassando a simples constatação histórica. Já Castro Alvês fez a sua *Saudação a Palmares*, datada de agosto de 1870, grandiloqüente, bem no estilo condoreiro, chamando esse reduto "negro de ninho d'águias [...] pátria do jaguar, também barca de granito, louvando a região dos valentes, soberbo estádio, das liberdades paládio".

Nos dias de hoje, outro baiano, José Carlos Limeira, presta seu preito: "Eu não te esqueço, meu povo/ se Palmares não vive mais/ inventemos Palmares de novo" (*Quilombos*). E prossegue, expressando o desejo de participar ativamente na construção de uma sociedade mais equilibrada e onde o negro seja tratado com dignidade; lá na diáspora, isso seria possível: "Se Palmares ainda vivesse/ pra Palmares teria que ir./ Quilombos/ meus sonhos/ sofro de uma insônia eterna/ de viver vocês" (*ibid*).

Na literatura negra é recorrente essa idéia que o afrobrasileiro tem na recordação da resistência passada o contraponto para o mundo injusto e segregacionista em que hoje em dia se encontra encurralado: pois, como disse um outro baiano, Landê Onavale, "Quilombo é o sol que se avista/ um sonho acordado, um ponto de vista" (*Quilombo*).

Os muitos exemplos do passado vão servir para que o afrobrasileiro não se abandone ao conformismo com a sua atual situação de inferioridade. Oliveira Silveira, gaúcho e autor de vários livros, escreveu um longo *Poema sobre Palmares*, de onde destaco apenas algumas passagens. Logo no início, declara que, embora tenha "nos pés ainda correntes [...] na alma um pouco de banzo", só o fato de ter existido Palmares dá-lhe coragem e decisão para levantar a cabeça: "quebro tudo, me sumo na noite da cor da minha pele,/ me embrenho no mato/ dos pêlos do corpo,/ nado no rio longo/ do sangue,/ vôo nas asas negras da alma,/ regrido na floresta/ dos séculos/ encontro meus irmãos,/ é Palmar,/ estou salvo!"

É para ele uma necessidade vital dar nome ao até agora quase não nomeado, desfiar com todas as letras os sonoros topônimos das diferentes aldeias de que era composto o imenso aglomerado dos Palmares: "Alerta quilombos/ de Acotirene, de Dambrabanga,/ de Osenga e da real/ Aqualtune [...] o do Zumbi, o Amaro, o das

Caatingas/ e a capital Macaco lá de onde/ Ganga Zumba domina distâncias, [...] de onde,/ no umbigo da serra da Barriga,/ Ganga Zumba vislumbra futuros,/ Ganga Zumba - esteio e alicerce, / parede forte e dura. [...] Ganga Zumba rei real/ dos negros sem lei nem rei/ de Portugal".

Palmares estava localizado geograficamente na Serra da Barriga, topônimo que passou a ser metaforizado como espaço de liberdade e resistência, de heroísmo e de redenção. Abdias do Nascimento, no poema *Escalando a Serra da Barriga*, emprega aliterações de grande força sugestiva: "Serra serrrrrote serra da vingança/ serra o mal de barriga da serra/ serra bem serrada a gorda pança/ do latifúndio da desesperança". E mais adiante, prossegue: Serra serpenteada no lombo dos quilombos/ serra cem anos de luta incessante/ [...] saravá africanos valentes, saravá imortal Zumbi à frente".

Domício Proença Filho, que escreveu o belíssimo livro intitulado *Dionísio esfacelado. Quilombo dos Palmares*, tem ali várias referências fortes e expressivas a esse tema: "Ventre liso e livre/ a Serra da Barriga/ emprenhada a sangue/ e sal/ suor de negro/ ferro no pescoço/ e na alma argola [...] sêmen da cidade do sonho/ negro" (*O lugar*).

Vale a pena deter-nos um pouco mais alongadamente no livro de Domício Proença, infelizmente quase nunca referido, apesar de já datar de 1984. Trata-se de um verdadeiro cântico épico-lírico, "a memória acesa do quilombo", no dizer dos editores, em que, a partir de uma visão participante e emocionada, a voz poética se eleva em preces (título recorrente de muitos poemas), mas também em indignação e protesto: repassa a inglória história do Brasil, desde o descobrimento ("as caravelas vadias/ e a falsa calma", *O começo*), os diferentes ciclos econômicos ("A madeira/ leva à cana/ A cana conduz ao ouro/ depois do ouro o café/ e o fumo e o algodão", *Processo*), saltando para a atualidade ("a floresta,/ a encosta,/ o mocambo,/ a favela,/ alagados,/ os vazadouros do lixo/ das grandes cidades", *Linha d'água*), para acentuar a constância do labor do africano e seus descendentes ("e nas raízes da história/ o braço-adubo do negro", *Processo*), a permanente exploração ("Regada a sangue/ de negro/ uma pátria se paria/ e os párias/ morriam secos/ de fome/ e de covardia", *Fermentação*) e exaltar o oásis de compensatória resistência e autodeterminação que foi Palmares:

"De todos os silêncios/ de todos os gemidos/ de todas as peles/ rasgadas [...] escorre, bálsamo,/ a palavra, verde:/ Palmares-Quilombo!" (*Mapa*).

QUILOMBOS ONTEM E HOJE

É também de Domício Proença o seguinte verso, onde ele vai recorrer ao tropo da germinação como símbolo de esperança de uma mudança: "O quilombo germina/ no ar da terra/ nova/ e verde/ no útero verde/ de todas as mulheres/ negras" (*Mercado*).

O quilombo não é apenas um espaço concreto e específico, passivo de ser detectado geograficamente; trata-se hoje, na consciência dos afrobrasileiros, de toda e qualquer resitência. Tornou-se uma metáfora polissêmica, entre outras portadora da idéia de inconformidade com o *status quo* e de busca de melhoria.

O povo, cansado de tantos séculos de promessas e humilhações, não se ilude e reage a seu modo. O aviso é claro e preciso: "Quilombo não se destrói com tiro e tapeação/ quilombo é calombo grande que guarda a semente viva/ quilombo é riso rasgado/ unguento pressa ferida/ feita com faca branca herdada por iô-iôs" (Cuti, *Resposta*).

Ou ainda: "É tempo [...] reabrir [...] os espaços do quilombo/ [...] jogar lenha na fogueira da memória pra que haja luz e calor/ e ouvir histórias vividas de gente encarquilhada no pito/ e na palha do cigarrinho" (Cuti, *Ventania*).

Carlos de Assumpção, paulista, um dos mais velhos dos poetas afrobrasileiros, famoso pelo seu poema *Protesto* já em 1958, amplia sua solidariedade não apenas aos que têm origem igual a sua, mas a todos os humilhados, irmanando-os no seio do mesmo e amplo núcleo de consolo e luta: "[...] meu quilombo de hoje, amigos/ É quilombo de todos os oprimidos/ É quilombo de todos os explorados/ É quilombo onde todos são bem-vindos/ É quilombo de todos nós" (*Minha luta*).

Num outro poema, Assumpção repete a mesma idéia, reafirmando sua fraternidade: "Tambor que bate batuque/ Que bate que bate que bate [...] Batuque bate/ Que bate que bate que bate [...] Que bate o toque de reunir todos os irmãos de todas as cores/ Num quilombo/ Num quilombo/ Num quilombo" (*Batuque*).

REALIDADE E MITO

Não é possível desligar Palmares de todos os outros quilombos nem da figura do herói máximo, Zumbi. Num artigo datado de 1996, Robert Anderson, da Universidade de Carolina do Norte nos Estados Unidos, discorre longamente sobre o que chamou de “*mito de Zumbi*”, frisando que o lendário guerreiro “está muito vivo, oferecendo-nos uma rara vista de um mito em processo de fabricação” e acrescenta que “apesar de dar substância à matéria de Zumbi, as indagações sobre os dados históricos de Palmares são de certa forma irrelevantes ao significado de Zumbi atualmente” (Anderson, p. 100).

Considera o autor americano terem os brasileiros criado um sistema de referências que apresenta todas as características axiológicas descritas por Mircea Eliade em *Myth and Reality* no momento em que a figura de Zumbi adquire um significado abrangente de “uma estrutura de valores tida por uma comunidade” (Eliade).

O nome de Zumbi, o grande guerreiro e chefe supremo nas últimas décadas de Palmares, está presente na música popular brasileira, nas cantigas de capoeira, nos folguedos populares, no folclore e não podia faltar na literatura afrobrasileira.

Na literatura negra brasileira, ao selecionarmos passagens que se referem a Zumbi (e a Palmares), sobressai a tensão entre o “histórico” e o “mítico” e os textos funcionam como “história sagrada” que toma o herói como “modelo exemplar”, para repetir as palavras e me reportar mais uma vez ao pensamento de Anderson (p. 105/106).

Um caminho para a afirmação identitária do afrobrasileiro é justamente a heroização dos antepassados e a exaltação dos movimentos que se opuseram ao cativo: as revoltas armadas e sobretudo os quilombos, como já nos referimos, buscando-se um resgate do papel desempenhado por essas ilhas de resistência. Não só a conclamação à revolta, mas sobretudo o reconhecimento de figuras-chaves que fortalecem uma auto-imagem positiva ajuda a manter bem alto o orgulho e se envolve numa enorme força lírica. Zumbi é visto como exponência do ancestral, reincarnado no povo afrobrasileiro. O papel representado pelo grande chefe guerreiro é exaltado de forma emocionada e vibrante de orgulho merecido: “Zumbi - nome gravado/ a lança/ nos contrafortes da serra/ a

sangue/ nos contrafortes da história/ a fibra/ na alma forte dos negros!", exclama Oliveira Silveira numa passagem do seu poema *Palmares*, já referido.

A ligação entre o passado, o presente e o futuro tem que se fazer de forma consciente e ativa. Cuti admoesta: "Que os ancestrais apontem nosso melhor caminho!/ [...] ninguém negue sua herança de umbigo!/ [...]. Há uma estrada a ser percorrida do lamento passado ao riso futuro/ por sobre as costas do tempo lançadas de sofrimento/ [...]. Vamos destapar bocas de escravos sufocadas em cada/ poro do povo" (Cuti, *Veio*).

E é escudado nessa ancestralidade que o afrodescendente vai encontrar motivação e coragem para erguer a cabeça e sacudir a humilhação. Como se expressou o poeta pernambucano Lepê Correia: "Eu só/ Fortalecido por tua coragem/ Sou mais resistente que mil generais/ Sou mais negro que a África inteira/ Mais potente que uma manada de búfalos/ no cio" (*Irmão do quilombo*).

Muitas vezes a auréola sagrada que reveste Zumbi o identifica religiosamente ao espírito ancestral Nzumbi, da cultura kimbundu, o Zâmbi, o criador e senhor onipotente, o deus supremo nos cultos bantos e, no Brasil, também na umbanda. É nome próprio da nobreza iorubana e provavelmente daí deriva o nome, ou título, do principal guerreiro palmarino. São-lhe atribuídos dons excepcionais e divinos: ele é aquele "que arrepia o sol, [...] que engole o sol, [...] que mata o sol", como consta do poema *Candombe*, do mineiro Edimilson de Almeida Pereira.

Domício Proença se refere diretamente a Zumbi, a divindade, num dos seus poemas: "Zumbi/ do Alto/ vigia" (*Festa*).

Abdias do Nascimento, servindo-se de aliterações, não deixa dúvida quanto à ligação entre o divino e a personagem histórica: "Zâmbi Zumbi/ Zambiapungo/ Zumbi zenith" (*Escalando a Serra da Barriga*).

Zumbi é também muitas vezes posto em relação a Exu, aquele que domina as encruzilhadas e aponta as direções, abre novos caminhos: "Zumbi é senhor dos caminhos", declara Jônatas Conceição da Silva, e a função do poeta é, nos dias de hoje, "resgatar tua presença/ [...] resgatar o teu objetivo [...] caminhar na tua ausência. E isso guiados pela tua firmeza de propósito/ de amor e liberdade/ pela raça" (*Zumbi é senhor dos caminhos*).

Esse sentimento pela raça é expressão da solidariedade do

afrobrasileiro para com todos aqueles que tenham sofrido sob o racismo e o colonialismo, sobretudo os povos africanos. Jamu Minka, poeta de São Paulo, traça um paralelo entre a luta de Zumbi e as lutas para a independência em Zimbábue, lançando mão de um sugestivo jogo de palavras: "Como a lembrar Palmares/ a festejar Zumbi/ agora Zumba Zimba...bwe// Zimba/ Zumba/ Zumbi / Rodésia no fim/ é Zimbábue lembrando Zumbi" (*Zumbabwe*).

A data da morte do sucessor de Ganga Zumba é festejado hoje no Brasil inteiro, mais uma vez devido à iniciativa de grupos negros: "Dia vinte de novembro/ entre as palmeiras do Palmar/ último grito de guerra no ar/ Dia vinte de novembro,/ entre as montanhas do Palmar/ os duros músculos do herói/ guiando seu braço ágil/ na luta desigual/ [...] Dia vinte de novembro,/ entre mensagens do Palmar/ tambores de orgulho e brio/ conclamando a lutar" (Oliveira Silveira, *Vinte de Novembro*).

E o Dia Nacional da Consciência Negra, em franca oposição às comemorações do treze de maio, toma cada vez mais vulto como o verdadeiro momento da afirmação dos afrodescendentes. *20 de novembro é uma suave canção guerreira*, celebra Abelardo Rodrigues (*Zumbi*).

E um outro poeta declara, altivo: "Demitimos a princesa imposta/ fazemos a nova luta/ dignidade nossa tem data/ heroísmo crescido no coração da mata" (Jamu Minka, *Novembro, 20*).

Zumbi aparece assim na literatura negra como agente propiciador da liberdade verdadeira, em oposição pela perpetrada pela Princesa Isabel. Mas, além de sua figura e de outros integrantes das guerrilhas quilombolas, sobressai ainda a participação de Luisa Mahin, escrava na Bahia que participou da revolta dos Malês, em 1832: "Há revoadas de pássaros/ sussurro, sussurro:/ 'é amanhã, é amanhã'/ A cidade toda se prepara/ Malês/ bantus/ geges/ nagôs/ vestes coloridas resguardam esperanças/ aguardam a luta/ Arma-se a grande derrubada branca/ A luta é tramada na língua dos Orixás" (Miriam Alves, *Mahin amanhã*).

IZABEL VERSUS ZUMBI

Na busca de possíveis recursos para manter a memória viva, por parte do poder hegemônico no Brasil, do que lhes interessa

guardar relativo ao tempo da escravidão e ao período logo depois, sobressai o grande respeito que é dedicado àquela considerada a mãe benemérita e salvadora dos cativos, a Princesa Isabel. A princesa regente recebeu o título de *A Libertadora*, foi cantada e louvada pelo gesto "generoso e cheio de coragem", documentado como ato de suprema humanidade, o que lhe valeu a ordem do mérito concedida pelo Papa Leão XIII. Mas a famosa Lei Áurea não passou de um ato formal sem de fato conseqüências positivas para os que nela se enquadravam. Os afrodescendentes, 112 anos mais tarde, continuam sob os humilhantes açoitos da pobreza, da exploração do trabalho, do desrespeito aos seus direitos, mesmo que se registre a emergência de uma franja cada vez mais larga de afrobrasileiros pertencendo a camadas mais abastadas. O cativeiro da injustiça social predomina, continuando a ser negado às populações de baixa renda, constituídas em avassaladora maioria por negros e mulatos, o acesso à educação, à assistência médica, à ascensão social, à participação integral no desenvolvimento nacional. "Já não há razão para chamar lembranças/ e mostrá-las ao povo/ em maio", afirma, desolado, Oswaldo de Camargo (*Em maio*). Pois, "mãos de mando" não estão aptas a uma tal empreitada, "uma vez que nada sabe[m] da nossa vida" (ibd.).

Os poetas afrodescendentes também se ocuparam com a data oficialmente festejada e se referem à princesa ora com ironia, ora com sarcasmo ou revolta.

Já em 1970, Oliveira Silveira, aqui tantas vezes referido, admoestava: "Treze de maio - traição/ Liberdade sem asas/ Fome sem pão" (*13 de Maio*). A abolição não foi seguida por medidas sociais nem econômicas que possibilitassem aos recém libertos um novo começo de vida. A respeito, Adão Ventura, de Minas Gerais, assim se exterioriza: "Minha carta de alforria/ não me deu fazendas nem dinheiro no banco,/ nem bigodes retorcidos" (Adão Ventura, *Negro Forro*). Muito pelo contrário, conclui o poeta mineiro: "Minha carta de alforria/ costurou meus passos/ nos corredores da noite/ da minha pele" (ibd.).

Ou, como o paulista Paulo Colina, recentemente falecido, ironicamente conclui, num verso que é sempre citado: "A Princesa esqueceu de assinar nossas carteiras de trabalho" (*Pressentimento*).

O famoso jurista baiano Rui Barbosa lamentava em 1919,

durante sua campanha eleitoral à presidência da República, a situação desoladora do incipiente proletariado brasileiro, acusando os antigos senhores de terem perdido o interesse pelos que deixaram de ser sua propriedade. Criticou duramente a falta de medidas jurídicas e institucionais para melhorar a situação dos assalariados e aliviar a miséria acarretada pela abolição da escravatura. Em face da cruel realidade, Rui Barbosa reivindicou outra libertação para proporcionar aos não mais cativos os benefícios da civilização. Os antigos senhores em cujas mãos permacera o poder econômico, e conseqüentemente o político, não se preocupavam nem um pouco com a justiça social. As poucas tentativas de realizar politicamente as reivindicações de José Bonifácio e Joaquim Nabuco, como por exemplo escolaridade ou formação profissional para os escravos, não surtiram nenhum efeito.

Assim, sabe-se que a lei de 13 de maio de 1888, apesar de acabar formalmente com a escravatura no Brasil, não criou nenhuma condição econômica, social ou cultural para uma libertação efetiva da população negra e mestiça. Mesmo depois de abolido definitivamente o cativo em nossos país, os recém alforriados não adquiriram direitos de cidadania plena e efetiva, não lhes tendo sido possibilitadas condições econômicas e culturais para uma verdadeira libertação do cativo.

A amarga realidade do cotidiano da população afro-brasileira reforça a dúvida na eficiência do 13 de maio. E são muitos os que sentem esse ato como *engodo* (Cuti), *farsa enojante* (Limeira), mentira. "Foram-se as efemérides felizmente/ estamos nus de centenários-engodos", afirma Cuti. Sendo por isso mesmo necessário cortar suicidas raízes/ que nos prendem ao lodo" (ibid).

Éle Semog, poeta do Rio de Janeiro, expressa de modo exemplar a maneira de encarar o 13 de maio por parte dos afrodescendentes: "A treze de maio/ fica decretado/ luto oficial na comunidade negra/ E serão vistos/ com maus olhos/ aqueles que comemorarem/ festivamente, esse treze inútil/ E fica o lembrete: Liberdade se toma / Não se recebe./ Dignidade se adquire/ Não se concede" (*Se ela faz eu desfaço*).

OS DESCENDENTES DE ZUMBI

Se os poetas afrobrasileiros, numa coerência com suas origens, dão imenso valor à linhagem, ao papel sagrado dos ancestrais, vêm-se igualmente imbuídos da tarefa de continuadores da missão resgatadora por eles transmitida, guardiães da memória das lutas passadas: "eu/pássaro preto [...] monto guarda na porta dos quilombos", como se expressou Adão Ventura (*Eu, pássaro preto*).

Ao lado dessas atitudes, pode-se detectar uma terceira, que seria baseada no sentimento de que não apenas os irmãos de origem são abraçados solidariamente, mas existe uma fraternidade entre as vítimas da exploração, independente das diferenças culturais ou étnicas. Para Ralph Ellison, "não é a cultura que une os povos que são, em parte, de origem africana, agora espalhados em todos o mundo, mas uma identidade de paixões. Compartilhamos o ódio pela alienação que nos foi imposta por europeus durante o processo de colonização e império e estamos ligados mais por um sofrimento comum do que pela nossa pigmentação". É o que transpira por exemplo dos versos de Carlos de Assumpção: "Eu sou descendente de Zumbi/ Zumbi é meu pai e meu guia/ [...] sou bravo valente sou nobre/ os gritos aflitos do negro/ os gritos aflitos do pobre/ os gritos aflitos de todos/ os povos sofridos do mundo/ no meu peito desabrocham [...] Eu sou descendente de Zumbi/ eu trago quilombos e vozes bravias dentro de mim" (*Linhagem*).

São versos orgulhosos e fortes de um veterano entre os autores negros brasileiros. São dele também os versos já acima mencionados em que ele engloba num mesmo imenso quilombo "todos os desfavorecidos do asfalto e da selva urbana, todos os oprimidos, todos os explorados, pois todos são considerados bem-vindos e um pouco de todos nós" (*Minha luta*).

Lourdes Teodoro, de Brasília, se confraterniza com aqueles que não conseguem integrar os núcleos de resistência, solidária com aqueles que nunca foram a Palmares, os despossuídos que continuam acorrentados pelo abandono e a injustiça sociais, exponenciando simbolicamente mais uma vez o quilombo alagoano: "Somos pivetes/ balconistas/ assaltantes/ e quantos mais/ que de Palmares nem ares/ que de Palmares só os ais// [...] Salve 20 de Novembro// Eu de Palmares/ nem ares/ eu de Palmares/ só os ais" (*Balada del que no fué a Palmares*).

Jônatas Conceição prefere, naquela visão profética da poesia revolucionária, projetar Palmares para o porvir, vendo o futuro antecipado pelo sentimento como reino de justiça e liberdade, tal como falava Alfredo Bosi. Palmares, metáfora ou lembrança, revive para Jônatas, porta voz de teimosas esperanças, que faz em seu poema a ponte entre o passado e o amanhã: "No Nordeste, palmeiras resistem/ [...] Aqui, junto ao mar de Amaralina/ novos Palmares também crescem/ arejando cabeças trançadas/ trazendo novas verdades" (*No Nordeste existem Palmares*).

RÉSUMÉ: *La littérature noire provient de la situation sociale dans laquelle les Afrobrésiliens se trouvent et de laquelle la société environnante ne les laisse pas sortir. Nombreux sont les thèmes à focaliser pour présenter la littérature afrobrésilienne. Parmi eux, un des thèmes importants est celui qui se rattache directement aux luttes contre le joug de l'esclavage et jusqu'à l'abolition. Outre l'expression de la solidarité et de la révolte contre l'oppression, outre la joie pour l'indépendance conquise de même que le rejet d'une liberté qui continue incomplète, des poètes comme Cuti (Luiz Silva), Oswaldo de Camargo, Éle Semog, Oliveira Silveira, Domício Proença et d'autres se sentent liés à ces symboles héroïques, incarnation de la lutte contre l'esclavage dégradant. Ce sont en partie des images à la fois mystiques et mythiques, source d'encouragement et d'affirmation, dont le souvenir affermit le sentiment identitaire des enfants de la diaspora.*

MOTS CLÉS: *Littérature afrobrésilienne; mémoire; révision et récupération de l'Histoire.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Miriam. Momentos de busca. *Poemas*. São Paulo: Edição da Autora, 1983.
- ALVES, Miriam. Estrelas no dedo. *Poemas*. São Paulo: Edição da Autora, 1985.
- ANDERSON, Robert. O mito de Zumbi: implicações culturais para o Brasil